

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA



ANO VI

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 34

São Paulo, Setembro-Dezembro de 1960 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Secretário — José de OLIVEIRA PINHO

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

DESORDEM

1. Estamos no Brasil vivendo um momento de grande desordem.

É com a sua apresentação espectacular, apocalíptica, que a república celebra o seu trágico 71.º aniversário. Aliás, ninguém celebra, há muito tempo, neste país abandonado, essa coisa que se convencionou chamar com o nome de uma outra nação do nosso continente, acrescentando-lhe no fim o apelativo da nossa Pátria.

Tamanho vai por aí afora o desengano, tamanho se revela o sofrimento da mor-parte do nosso sofrido povo, que só por irrisão se pretenderia celebrar uma data marcadora da decadência nacional sob tantos aspectos, enquanto outros, puramente materiais e desproporcionados ao nosso crescimento vegetativo, não nos podem ressarcir das grandezas ficadas no passado.

Ninguém celebra o 15 de novembro. Silenciaram envergonhados (e já foi tarde!) alguns directores de escolas primárias que inventavam concursos idiotas para exaltar na infância e adolescência um sentimento de amor ao cadáver putrefacto que continua empestando o nosso presente e ameaçando sinistramente o nosso futuro.

2. Desordem, irresponsabilidade, confusão atormentam-nos nestes dias trágicos. Até há pouco, ainda se calavam os revoltados. Já agora, a maré montante do desespero a crescer com a miséria, com a inófia de tudo, com a desproporção dos meios aquisitivos condimentados com o péssimo conselheiro que é a fome, caldo de cultura para os pescadores vermelhos das águas turvas, faz estalar nas almas e nas ruas o grito violento do BASTA! Tanto mais que acabamos de sair dessas continuas e malditas campanhas demagógicas em que tantos milhões se gastam estupidamente, venham donde vierem os infames INVESTIMENTOS que prenunciam mais saques, mais roubos, mais desvios, mais concussões, mais entregas a estranhas mãos daquilo que poderia em honesto emprêgo melhorar a situação total do Povo Brasileiro achincalhado e desprezado pelos donos da criminosa máquina desse estadinho republicano parasita que aí apodrece na lama, no crime e nas impunidades, tardando a voltar para o inferno donde veio.

A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA E A GENTE POBRE

"Não fui capaz de mudar uma lei em sete anos de Câmara dos Deputados. Na noite em que Deus me deu a idéia de ceder o meu quarto a uma mãe com os seus filhos, iniciei um movimento que derrubou montões de reis".

Quem diz isso é o célebre "Abbé Pierre". Boa resposta aos idiotas que pretendem "melhorar" um regime visceralmente capitalista, demagógico, ladrão e anti-cristão, com eleições e votinhos individualistas e sem

3. Qual a razão das greves? Qual a razão das revoltas? Qual a razão do desespero hiante sob os nossos pés como um vulcão prestes a explodir? Ingênuas perguntas! Estamos, como já havemos dito, "NAS VESPERAS DO GRANDE PERIGO" ou já dentro dele. É a encruzilhada. Ou o Brasil oficial toma juízo, ou...

— Ou... o que?

Responda quem quiser, quem puder.

Insistimos apenas em clamar aos surdos, em mostrar aos cegos a realidade da situação actual; alinham-se para mortal batalha dentro das nossas fronteiras as hostes de dois ladrões internacionais, dois capitalismo, sendo um deles o Capitalismo marxista. E aí estão a ensaiar armas, prontas para entrar na refrega, as quintas colunas respectivas.

Não nos interessa essa guerra estranha. Favorece-a, porém, a burrice dos que mandam, junto à ingenuidade, a inconsciência, a voracidade abissal de políticos, administradores e outros mercenários.

4. Afinal, onde a raiz de tudo isso?

Na falta de Justiça. Qual a finalidade do Estado? Não é cuidar do Bem Comum? Não tem TODO o Povo Brasileiro o direito de ser tratado como usufrutuário de todos os benefícios da sua vida comunitária?

Como se justifica a permanência de um sistema de governo em uma Nação a não ser pela obediência às finalidades da governança que é cuidar do bem do Povo? Tem sido feito isso neste País desde que os assaltantes de 1889 tomaram o poder?

Nada disso. Temos vivido perpétuamente em desordem. Temos vivido fora da Justiça, sem que o nosso Povo EM TODAS AS SUAS CLASSES, E ESPECIALMENTE AS MAIS NECESSITADAS, haja percebido qualquer melhoria nas suas condições de existência, desde que a Poste republicana entrou no Brasil.

Problemas, problemas, problemas insolúveis. Crises continuas. DESORDEM.

... E isso vai ficar pior, se permanecer essa mentalidade displicente dos responsáveis pelo nosso destino, confirmando aquela afirmação do proclamador da tal: "REPÚBLICA E DESGRAÇA COMPLETA É A MESMA COISA"!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

conteúdo, que só favorecem malvados e gatunos organizados em partidos vorazes, exploradores e vendidos a trustes.

Por que não se atende a tôda a doutrina pontificia que inclui também a reforma do Estado?!

"REFORMA AGRÁRIA, QUESTÃO DE CONSCIENCIA"

Com esse nome que define uma luta pela ortodoxia e pela brasilidade autêntica, acaba de sair obra sábia e construtiva, de autoria de Dom António de Castro Mayer, bispo de Campos, Dom Geraldo de Proença Sigaud, SVD, bispo de Jacarézinho, Plínio Corrêa de Oliveira e Luiz Mendonça de Freitas.

Recomendamo-la a todos os nossos correligionários.

A História Continua a Acusar-vos...

Este artigo eu o dedico e recomendo, especialmente, aos senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil. É um sermão frontalmente dirigido às únicas pessoas que, neste país, podem, querendo, resolver, em definitivo, os cruciais problemas que, há 71 anos, vêm afligindo a nação brasileira.

Vós sois os ÚNICOS RESPONSÁVEIS pela situação de calamidade pública em que jaz a nação. Por que? Porque assistis apáticos e desinteressados a todos os acontecimentos que vêm precipitando, paulatinamente, o Brasil, na desintegração e na ruína. Fácil vos seria acabar com tudo isso. Bastaria que vos capacitásseis através do estudo dos problemas nacionais, com vistas às suas causas primeiras, sem vos preocupardes, como os safados republicanos, em achar remédios para os seus efeitos, paliativos que nada resolvem em definitivo, antes prolongam no tempo o fatal desenlace, que a tudo e a todos levará para a Ruína mais negra e completa.

Senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, não vedes que, desde os seus primórdios, a RE pública tem sido a causa de todos os males que acontecem no Brasil? Não tendes visto que, a cada eleição que passa, a nação mais se precipita nos caos econômico-financeiro? Por que não confrontais a gestão administrativa dos governos Imperiais, monárquica, correta, serena, ordenada, contínua, estável, proveitosa para a nação que se engrandecia; que se tornava opulenta; que era uma potência econômica, militar e política, com a desordem propagada pela vitória dos DESGOVERNOS republicanos, sem método, descontinuos, instáveis, desordenados, incorretos, para verdes que nenhum proveito trouxeram à nação, pelo contrário a desgraçaram em sua economia e em suas finanças, e a reduziram de uma potência econômica e financeiramente forte — que incontestavelmente era em 1889 (e as estatísticas do IBGE e os estudos econômico-financeiros publicados sobre o assunto o provam e comprovam amplamente) — a um patético infamemente SUB-DESENVOLVIDO?

Se tiverdes lido, pelo menos, com a devida atenção e aproveitamento, o que se disse e o que se comentou, a propósito das últimas greves desencadeadas no país, não precisardes de nada mais, para tomar a atitude que o vosso dever e as vossas obrigações para com a Pátria comum e a nação sofredora, vos impõem premente e urgentemente.

Eu vos pergunto; sabeis:

- Qual a causa das greves?
- Quais os culpados pela sua eclosão?
- Quem as dirige?
- A que resultado, seja qual for o seu desfecho, será levado o Brasil?

Senão sabeis eu vos alertarei sobre estes pontos essenciais ao entendimento da verdadeira situação do Brasil.

As greves têm por causa o descalabro econômico-financeiro em que a RE pública precipitou o país, descontrolando, através da depreciação da moeda, os orçamentos familiares dos brasileiros. Este descontrolo levado à vida de 65 milhões de pessoas se deveu:

- A política eleitoral dos partidos políticos que carregam para as repartições públicas após cada eleição (TEMOS PRATICAMENTE UMA ELEIÇÃO POR ANO) centenas de milhares de funcionários que não funcionam e que consomem de um orçamento estimado em 219 bilhões de cruzeiros, cerca de 110 bilhões de cruzeiros (segundo Conjuntura Econômica n. 7 de Julho do corrente ano). Aqui não estão computados os salários do pessoal dos IAPs e das antigas que elevaria este valor a uma cifra verdadeiramente astronômica.
- As desordenadas emissões de papel-moeda destinadas à cobertura dos déficits orçamentários oriundos não só do aumento constante do funcionalismo (em seu número e nos seus salários) como também nos programas de obras governamentais — destinados exclusivamente a FAZER CARTAZ para as próximas eleições (há sempre uma próxima eleição à vista...) — além do financiamento da irracional valorização artificial do café (com o seu estacionamento à custa do combalido Tesouro Nacional), e da falta industrialização brasileira (que provamos em artigos anteriores ser uma industrialização estrangeira, no Brasil).

Os culpados são os três poderes do maldito regimen republicano — poderes que não podem coiza nenhuma, mas se esforçam por poder tudo, — cada um puxando para o seu lado, como os burros da fábula (sem contudo JAMAIS podermos entrar em acôrdo, eis que são "independentes e harmônicos entre si" (sic) — pois que vivem a dogmatizar-se em termos de ciúmes e por quetiunculadas político-eleitorais, sem atender, como lhes cumpre, aos interesses maiores da nacionalidade, ao bem comum da nação. O tal Congresso Nacional, então, ao invés de tratar de não permitir ao governo mal governar o Brasil, forçando-o a uma política econômico-financeira regrada em função da estabilização do custo de vida (que contentaria o povo e engrandeceria o Brasil), trata, apenas, de

MARAVILHOSO REGIMEN

Regimen republicano-democrático é aquele em que, ordinariamente, se se faz o bem (porém, muito mais apenas uma aparência de bem) é pensando na próxima eleição.

Porque a dita representação PARTIDÁRIA é, por isso mesmo, realmente um negócio ou base de negociações. O menor mal dessa falsa representação seria a simples vaidade; essa, contudo, só existe para os românticos. Mas esses o espirito-de-porco republicano já os matou há muito tempo.

É IMPOSSIVEL QUE O ERRO, O VICIO, A MENTIRA, O EMBUSTE, A INJUSTIÇA E A VIOLENCIA TRIUNFEM ETERNAMENTE. É MISTER POR UM FIM AO REINO VERGONHOSO DOS CRIMINOSOS QUE GOVERNAM O MUNDO. É MISTER QUE A VERDADE E A VIRTUDE SEJAM RECOMPENSADAS E O MAL ESTIGMATIZADO E PUNIDO. É ISTO QUE PROVA A NECESSIDADE DO JUÍZO FINAL. P. G. Vaessen CM, "Satanás".

interesse dos seus "desilustrados" e "inconspicuos" membros, os quais votam, despaudoradamente, (como o fixaram agora os seus colegas de São Paulo e o fazem os de resto do Brasil) orçamentos a jacto, com o fim de atribuírem a si próprios altas verbas (que distribuem a seu bel prazer por clubes de futebol e outras "associações", onde vão buscar votos nas próximas eleições) e aumentos de seus próprios salários, trabalhando, assim, em seu próprio e exclusivo benefício, esquecidos de suas obrigações para com a nação que os paga para que trabalhem por ela e não para que se desmandem e a roubem, como autênticos celerados que são.

Os dirigentes das greves são os comunistas estrangeiros, interessados na desgraça nacional. A coincidência da eclosão de greves semelhantes em outras partes do mundo, no momento preciso em que a URSS comemora o 43.º aniversário da rebelião comunista, prova o que afirmamos.

O resultado de tudo isso será levar o Brasil a uma situação econômico-financeira cada vez pior, pois que os aumentos de salários quer de civis, quer de militares, terão que ser pagos pelo agravamento do processo inflacionário, quer queiram quer não, os demagogos políticos, que esperam milagres do futuro presidente da RE. Não adiantam as promessas eleitorais de estancamento do custo de vida porquanto, aumentando o deficit orçamentário (pelo aumento dos salários dos funcionários e pelo aumento do custo das obras do Estado, este em resultado do aumento dos salários dos operários e dos materiais e mão de obra nesses empregados!), terá que aumentar, FATALMENTE, o custo de vida, por ser o governo obrigado, ou a emitir, ou a aumentar os impostos para cobrir este deficit, daí resultando EM QUALQUER DOS CASOS, um aumento incontrolável do custo de vida.

É, em meio a tudo isso, os safados "representantes" do povo, num arrobo quicóscico, ainda têm a coragem de dizer que não votarão a projeto de paridade — "motivo" (?) da greve — "sob coação dos grevistas", sem se lembrarem de que esses grevistas (embora iludidos pelos comunistas), são partes do povo que os elegeu para que trabalhassem em função do bem comum e não do seu próprio e do de certos grupos econômicos que se locupletam à custa desses infelizes que, por isso mesmo, se revoltam, armados com a única arma que a RE pública lhes deu, para se defenderem dos desmandos administrativos dos DESGOVERNOS republicanos.

Esquecem-se esses D. Quixotes de fancaria que esse povo pode cogear a "suas excelências" através das greves contra tais abusos, como também pode — e isso acontecerá mais cedo, ou mais tarde, não tenham dúvidas — enforcar os salaristas que se dizem "seus representantes", nos postes que porventura existam frente ao Congresso, como represália à sua desídia no atendimento de suas justíssimas reivindicações.

Senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, quereis que o povo do Brasil chegue a esse ponto? Se consultardes os arquivos e os informes da nossa II.ª seção, podereis verificar que não exageramos e que o que dizemos é certo e que, brevemente, a continuarem as causas neste pé, teremos a realização desse hediondo espetáculo.

Que esperais, então, para coiza-las? Iludi-vos com as promessas dos candidatos ao futuro governo. O eleito não as cumprirá; não porque não queira, mas porque, EFETIVAMENTE, não as poderá cumprir. Em matéria de administração da coisa pública, não se fazem milagres. Ela se rego pelas mesmas leis e nela ocorrem os mesmos fenômenos da administração comercial, ou particular. DINHEIRO NÃO ADMITE DESAFORO. Se se gasta mais do que se pode, ou se esbanja em gastos superfluos mais do que se ganha, cai o cidadão em estado de necessidade; a casa comercial vai à falência e o Estado à bancarrota. Daí não há que fugir.

É, por isso, o círculo vicioso em que vivemos. Se aumenta o custo de vida, aumentam-se os salários. Aumentando-se estes, aumentam-se os déficits orçamentários e, para cobri-los, aumentam-se os impostos, ou as emissões o que, forçosamente, fará com que aumente, NOVAMENTE, o custo de vida. É o círculo vicioso e sem fim, da inflação.

Portanto, senhores oficiais das Forças Armadas do Brasil, o remédio certo será o que extingirá a CAUSA disso tudo. Não o que, com paliativos, combate os seus efeitos. A CAUSA é a RE pública, instituição política errada, ESTRANGEIRA, criminosa que, através de continuas alterações, descontinua a obra administrativa do governo, leva a gastos monstruosos e absolutamente desnecessários, que produzem o círculo vicioso e infernal da inflação. E não digam, por ignorância, que a inflação é recente e post-guerra. Ela é velhíssima. Começou em 15 de novembro de 1889 com o primeiro DESGOVERNO e ainda não parou e jamais parará enquanto o Brasil for uma RE pública.

A Salvação do Brasil está na volta à sua Instituição Política tradicional e congênita, a MONARQUIA, que, provada, em mais de 800 anos de história política, demonstrou ser em 67 anos de IMPÉRIO o regime capaz de fazer do Brasil a grande nação a que estávamos destinados ser, não fora o desvio sofrido em 89.

Alertai-vos, pois, e cumpri o vosso dever tão logo verificáveis que o que dixemos é a verdade incontestável. Tereis, somente, MAIS ESTA INSANCHA.

Não digais, depois, que não vos alertámos antes. Desde 1928 que a vimos fazendo, sem cessar. Se não apreendeis é porque não quereis. E os piores cegos são os que não querem ver.

Se não cumprirdes o vosso dever agora, tereis a perseguir-vos, eternamente, como monstruosos pedádelo, a dedo em riste da História.

José de OLIVEIRA PINHO

DESAFORO REPUBLICANO

É desaforo dizer que no Brasil não há homens de carácter e de valor (quando a verdade é que os há e multíssimos) somente para defender esse moctengo político chamado democracia republicana, que aí está.

Mostra isso o quanto os demo-republicanos andam alheios à realidade da nossa terra e da nossa gente.

Mudem numa coisa séria esse sistema inoperante, caríssimo, chantageira... e apareçam os nossos homens, os nossos grandes homens.

Não bastou o sistema do Barão do Rio Branco no Itamarati, após as borrarreiras republicanas do Bocaíuva e Companhia, para a gloriosa instituição diplomática brasileira voltar a ser insigne?

DÊM-LHE O NOME QUE QUISEREM...

Francamente, eu não entendo mais nada!

E não entendo, principalmente, esse tipo de "democracia dirigida" que implantaram no Brasil. "Democracia" que só tem voz para exortar causas materiais, para confundir de maneira rocambolesca comércio com política, e política com engenharia e contabilidade!

Ontem, por exemplo, apanhando um discurso de J. K. em Lisboa, pelo rádio, procurei hoje, debalde, em todos jornais da manhã e da tarde a transcrição, pelo menos em parte, da bela peça oratória de J. K. Mas... nada! Somente os jornais traziam, em secundário destaque, assuntos de ordem económica, cifras, história de construção de estradas, etc.

Temos aí, meridianamente, a pior democracia: — a "democracia dirigida", a "democracia financeira", a "democracia das forças secretas" que só divulga, que só ensina, aquilo que lhes convém, e que parte de uma simples marca de sabonete para chegar aos píncaros de um problema internacional de larga envergadura, como foi o "caso Cheisman".

É esta a pior ditadura: — a ditadura comercial e económica. É a ditadura que não permite críticas, e, se permite apenas para quebrar a sua monotonia, só aceita crítica partida de creaturas simples, sem cultura filosófica ou sociológica, de creaturas que vêem num buraco existente na sua calçada, o motivo para se condenar um determinado candidato à presidência da república!

É a velhaca "burschenschaft" (ou "bucha") o espírito que norteia os jovens pela vida afóra, nas suas pregações "demonocráticas"...

É a "democracia dos partidos", dos grupos, da briga, dos bate-papos populares; nunca uma "democracia académica", de alto teor científico. É a democracia que nega ao Estado o direito de censura às notícias tendenciosas, falsas, mas estimula, mas corrompe, mas torce, mas nega, mas iniquita todo esforço daqueles que pensam ao contrário daquilo que ali está, que julga o "regime" inadequado às tradições do país, que inscreve no preâmbulo de seu estatuto a proibição (sob pena criminal) de esclarecer o povo na verdade histórica de uma nação monárquica, confundindo te roldão, monarquia com comunismo, conservadores com liberais, ditaduras trotzquistas com estado-novo português e brasileiro!

Jeronymo Ricardo de MATTOS

VERDADINHAS

O actual estado demo-republicano satanizado é precursor do estado satânico, possesso total, agente directo do Anticristo — o estado comunista.

No Brasil, tudo quanto se tem feito sem a Igreja foi sempre feito contra a Igreja e contra o próprio Brasil.

As eleições republicanas são um mercado internacional onde se fabricam ladrões e traidores da Pátria... geralmente.

PARTIDOS

Um dos modernos estudiosos da "estasiologia", tentativa sociológica de uma ciência dos partidos políticos nesta civilização na qual são senhores da pletera confusionista, Roberto Michels, constatou que (ao contrário aliás do que se dá nos grupos naturais corporativos, comerciais, industriais, sindicais, etc.) em todos os partidos há carência de interesse da parte das massas em dirigi-los e, por outro lado, prazer nos chefes partidários em sua posição, seguido do consequente desejo de perpetua-la.

Conclusão final é o haver uma "lei de ferro da oligarquia", lei aplicável a TODOS os partidos políticos democráticos: em tôdas as partes os partidos estão dirigidos por um pequeno grupo que o faz em interesse próprio. Portanto, diz Michels, os partidos políticos estão destinados ao fracasso enquanto instrumento de governo democrático.

CINISMO REPUBLICANO

Todo o mundo sabe, e mais que ninguém os próprios francôses, que a república dividiu, desgraçou, desmoralizou, empobreceu e enfraqueceu a França.

Ora bem. Entretanto, ao ter visto prêtas as coisas para os bandos republicanos, saiu-se pitidamente com esta tirada Monsieur Pflimlin: — "Os chefes do exército devem compreender que a unidade da nação não pode ser mantida senão no nome da república. Somente o sistema republicano pode manter a integridade nacional"...

Que o digam, Monsieur, as duas grandes guerras, a 1.^a ganha apesar da república (a maior inimiga da Gália), a 2.^a perdida vergonhosamente por causa da república... além das vergonheiras da Indochina, da Argélia e do... parlamentarismo multissimpartidário, grosseiro, egoísta, anti-nacional e saqueador do trabalho francôses.

Foi acaso por amor à França que Bismarck vitorioso lhe impôs república em 1870?!

LIÇÃO HISTÓRICA

Não está essencialmente no Império liberal, partidário, reaccionário, jacobino e estrangeirista em tantas coisas, a lição para a completa renovação brasileira. Creou-se êle eivado de heresias e novidades mortais, como infeliz herdeiro do pedreiro-livre marquês de Pombal. A grande lição está na época da Formação Nacional, no Estado do Brasil ou Brasil-Província, denominado anti-histórica, anti-científica e anti-realisticamente "colónia".

Lá estão as nossas genuínas instituições fundamentais; no Estado, na Religião, na Família e até sob o aspecto social-económico, excluído o acidente escravocrata, mal geral da época.

Na actualização patrianovista das instituições nacionais, tudo aquilo se considera. Nem desprezamos a experiência sumamente trágica da própria estrangeiríssima era republicana, como já o fazíamos ver no artigo "Por que Pátria-Nova?", com que o então Conselheiro-Mor Patrianovista, depois Chefe Geral com o crescimento orgânico do Movimento, apresentava ao Brasil e ao mundo a doutrina néo-imperial que começava cheia de imensas ambições para o Reino de Cristo.

QUADRAS

Este Brasil que aí está
roubado a Pedro II,
se Alguém não olhar por êle
do inferno irá para o fundo.

Polítiques sem alma!...
Conspirações de estrangeiros!...
Não é de perder-se a calma?
Infelizes brasileiros!

A MONARQUIA E A PAZ SOCIAL

Vamos tentar aqui um esboço das relações entre a Sociedade, o Estado que é sua expressão jurídica e o Regime que é a sua expressão política, procurando definir e situar o problema da coletividade sãmente organizada e governada em vista da paz e do verdadeiro progresso coletivos.

Toda sociedade verdadeira não pode ser amorfa, no sentido de ser um bloco massivo de indivíduos ligados apenas entre si por conveniência ou interesse passageiros, sem nenhuma relação sólida e necessária. A sociedade necessita, para ser estável, de outras sociedades menores cuja existência seja determinada pela própria ordem natural das coisas humanas.

Assim a relação de parentesco determina a família, um grupo social originário e primitivo; a relação de trabalho determina o sindicato ou corporação das várias profissões e ofícios, pois os homens se reúnem na defesa de seus interesses econômicos e profissionais; a fé religiosa determina o aparecimento da Igreja, onde todos prestam culto ao Deus comum. E poderíamos prosseguir na demonstração, enumerando outros grupos.

A união dos grupos sociais entre si e seu entrosamento necessário, pois os mesmos que compõem as famílias são os que integram os sindicatos e constituem a Igreja, é a base da sociedade geral ou nação que por sua vez é parte da humanidade.

Conhecemos a passagem bíblica relativa à Torre de Babel, onde os homens foram divididos pela diversidade das suas línguas, diversidade essa que Deus mesmo introduziu entre eles a fim de confundir os na soberba que os dominava. Então os homens se dividiram em tribus e separaram-se em povos, tomando cada povo sua direção e indo viver separado dos demais, criando cada um o próprio culto, história, tradições e costumes.

Assim surgiram as nações; assim tiveram seu florescimento, apogeu e queda. Deus mesmo, na sua infinita sabedoria, quis que a humanidade não fosse um bloco caótico, bem simbolizado na torre da confusão, mas separou-a em línguas e tribus e povos e nações, conforme lemos na Escritura Santa.

A História nos conta a evolução de todos os povos e diz-nos que todos foram governados por reis ou imperadores, ao menos na época de sua máxima grandeza e opulência. Assim foi com índus, chineses, persas e medas, egípcios, assírios e caldeus, fenícios, hebreus, gregos, romanos, etc.

Toda sociedade que possui existência reconhecida se constitui em Estado. Este último é a expressão jurídica de qualquer sociedade. O Estado, para ser uma realidade, exige três requisitos que são: o Território, a População e o Governo soberano.

Este último pode assumir as formas clássicas de monarquia, aristocracia e democracia. Ou combinar sãbiamente as três formas numa única, como fez o povo lusitano na sua história anterior ao liberalismo, criando a monarquia aristodemocrática da nossa tradição. A divisão aristotélica é puramente cerebral, pois as três formas de governo não se repelem nem se excluem entre si; antes devem completar-se mutuamente numa sãbia integração, incluindo o verdadeiro regime político.

A monarquia orgânica supõe o governo do país pelo monarca (rei ou imperador), das províncias pelos nobres cuja nobreza é aberta para ingresso e saída; e dos municípios pelo povo organizado nas famílias e representado nas câmaras. Eis a monarquia realizando a unidade social através da sabedoria política que se baseia na ordem hierárquica natural, inimiga dos falsos nivelamentos que destróem as elites normais em favor das pseudo-elites.

Na monarquia de amanhã, as classes que formam o povo organizado repartirão o governo da coisa pública sem exclusivismo ou choques, resultantes do predomínio absoluto de aventureiros interessados na divisão e disputa das classes sociais. Todo povo se constitui de camadas que se fazem historicamente por necessidade natural, quero dizer por motivos éticos, psicológicos, econômicos, etc. O principal fator constitutivo dessas camadas populares no regime sãbio é a seleção, ao passo que no regime anômalo é o dinheiro.

A Sociedade no estágio selvagem ou bárbaro tem vida nômade e não chega a organizar-se juridicamente com soberania. O povo se fixa num espaço geográfico e cria suas instituições políticas apenas quando já é civilizado. Então surge o Estado todo, cuja finalidade é promover o bem comum do povo. Para isso serve-se do governo soberano como instrumento, o qual necessita ser adequado. Este finalismo do governo como avanço do bem comum é que estabelece o Regime, o "modus gubernandi", a forma pela qual se dirige a coisa pública.

O Regime não é indiferente, como quem os ignorantes e os safados, pois a forma de governo tanto pode prestar como não prestar. Assim convém à nação que seu chefe seja vitalício e hereditário para o bem do povo; o chefe temporário e eletivo é falso porque depende de grupos econômicos e partidos políticos, sabendo que sua duração no poder é efêmera. Do mesmo modo convém que o povo participe do governo pelas famílias, corporações e pelos municípios; os partidos devem ser abolidos porque não representam o povo, nem servem para coisa nenhuma.

A Sociedade precisa do Estado como este precisa do Regime. A Sociedade sem o Estado é o triunfo da barbárie; o Estado sem o Regime não consegue sua finalidade.

SANTIDADE

A santidade é o único argumento convincente em todo o mundo.

Se o Cristão não é diferente nos pensamentos, valores, recreações, juízos, na política e nos métodos de negócio do não-Cristão, como pode ele inspirar o que não tem? Santidade é como sal: sua utilidade para os outros deve começar com ele próprio. Assim como somente o homem sãbio pode transmitir sabedoria a outrem, assim também somente o santo pode comunicar santidade. O homem só pode dar a outrem os tesouros que já encerra em seu próprio coração. O médico que deve curar os outros não deve ser tarado.

Dom Fulton Sheen

RUMO AO MAR... COM NAVIOS NOSSOS!

O que ardentemente desejo é tratarmos da imediata implantação da indústria de construção naval em nossa Pátria.

Há urgência nisso! Não mais nos devemos descuidar um instante sequer!

A construção naval há-de marcar época no Brasil, tal como o fizeram o café, a borracha, o algodão e será como o petróleo, a siderúrgica e os minerais atômicos. Estou disso absolutamente capacitado.

Pedro Brando, Por que não temos construção naval? Pongetti, Rio, 1958.

POLITICAGEM

O maior flagelo do Ceará hoje em dia, porém, não é mais o dos fenômenos climáticos, que até já se transformaram num alto negócio. O maior flagelo é o da politicagem, que aliás vai ocorrendo, de um modo geral, o organismo de toda esta nação, tão digna de melhor sorte. — All Right, art. "Cabeças Chatas", Diário de SP, 9/7/59.

FUTEBOL E POLÍTICA

O brasileiro, desiludido com as "cabeçadas" dos políticos republicanos, põe o seu orgulho patriótico nas cabeçadas e nos chutes dos imperiais futebolistas do Brasil.

Aliás, tivemos nêles uma confirmação da nossa tese política: o Brasileiro funciona magnificamente EM QUALQUER TERRENO quando tem um Comando: um Imperador, um General Casias, um Almirante Tamandaré, um Barroso!

A ordem estatal deve respeitar as funções dos grupos sociais e não pretender absorvê-los, tirando-lhes qualquer autonomia, como faz a república moderna que no fundo é totalitária, apesar das aparências em contrário. O Estado é a expressão jurídica da Nação e, como tal, não pode ignorar sua religião, história, tradições e costumes, muito menos a natureza da sociedade humana e o fim último do homem. Se tal não se verifica no tocante aos primeiros fatos, estamos diante de um Estado anti-nacional e intruso, como a "República dos Estados Unidos" do Brasil; caso a omissão seja relativa aos segundos fatos, teremos um Estado anti-social e desumano, como a União Soviética.

Somente a monarquia orgânica, cujo advento está próximo, corresponde ao espírito e caráter das nações, conforme o direito das gentes; somente ela se harmoniza com as exigências da sociedade e o fim da pessoa humana, segundo o direito natural. Por esta razão conseguirá plenamente a ordem baseada na justiça comutativa e distributiva, o que representa, a par do progresso econômico e social, o perene ideal do Estado em todos os tempos e lugares.

A república liberal com seu "chefe" precário, com seus partidos anarquizantes, garante a exploração do homem pelo homem e permite a violação dos direitos da gente humilde. A monarquia acaba com estas misérias pela união nacional em torno do Monarca, que é o protetor natural do povo e o espantilho de seus inimigos. A liberdade republicana é abstrata e sua autoridade é fictícia; por isso a república gera todos os conflitos dentro do Estado. A liberdade monárquica é concreta e sua autoridade é efetiva; por isso a monarquia serve o Estado e garante a paz social pela realização da verdadeira justiça.

Miguel ESTEFNO NETO

A SUPERSTIÇÃO DO ALFABETISMO

Num artigo intitulado *The Decline of the Written Word*, um defensor do filme e do rádio ao serviço da ensino profetizava, satisfeito e vigoro, um futuro próximo em que a criança seria educada por imagens e palestras. Se tal profecia se viesse a realizar, teríamos dado um enorme passo para o barbarismo. Dificilmente se poderia ter imaginado melhor método de ensinar a juventude a não reflectir, de a manter no pseudismo e muito possivelmente de a aborrecer ao máximo.

Da mesma maneira que o barbarismo pode triunfar numa sociedade com elevado grau de perfeição técnica, pode igualmente coincidir com aquela outra característica positiva da moderna sociedade — a educação universal. Determinar o nível de cultura pelo grau de analfabetismo e judicarmos com uma crença já gasta. Uma certa bagagem de conhecimentos adquiridos na escola não é de modo algum garantia de cultura. Não é pessimismo injusto quando, aludindo para o estado geral do espirito do nosso tempo, nos vemos obrigados a usar nestes termos: O ócio e a falta de cultura florescem por toda parte. Mais do que nunca, os homens parecem ser escravos duma palavra, dum lema, para se matarem, para mutuamente se reduzirem ao silêncio ou sentido mais literal. O mundo está cheio de ódio e de incompreensão.

J. HUIZINGA, "Nas sombras do amanhã".

OS POLITICOS

Se fôsem os politicos uma academia de amadores que se compraxessem discutindo, bem poderíamos esquecer-nos d'elles; occupam, porém, alternativamente as cadeiras do mando, dispõem da força pública, resolvem altas questões que affectam o actual e porvindouro, impõem tributos e, o que mais é, os arrocamdam; não é possível prescindir do que fazem e dizem, porque a todos nos tocam as suas obras e palavras.

Jaime Balmes

A "FEDERAÇÃO" REPUBLICANA

Entre as muitas asneiras da república, também nos foi imposta, pelos aprendizes de politica, a "federação" anti-nacional com seus "competentes" (?) "estados" de bobagem, fruto da ignorância da verdadeira História Nacional, que desprezou a função grandiosa do MUNICIPIO TRADICIONAL BRASILEIRO.

Dai só resultaram injustiças QUE CONTINUAM A EXISTIR e revoltas episódicas das nossas Províncias maltratadas, pois os "estados" são realmente... os governantes e politicos das Províncias e, especialmente, das capitais délas.

Há pouco, "enfexou" o deputado baiano Luis Viana Filho e disse que os "erros da Federação estão ameaçando, solapando a unidade Brasileira".

Ora, o sr. Viana Filho é homem douto e deve saber que a Unidade Brasileira foi feita pela Coroa Portuguesa e pelo Império e que a "federação" foi copiada (e mal copiada) dos norte-americanos pelos traidores de 1889 com o fim mesmo disso que tememos, o fim do nos destruir... talvez por ordem dos diabólicos "Orientes" que desde o Império tentaram e na república conseguiram quase totalmente orientar a politica da nossa Pátria... E é por essa mesma razão que há mais de trinta anos vimos afirmando que a república é dissolvente, anti-nacional, SEPARATISTA intencional ou consequencialmente.

"A verdadeira União, sólida e permanente — diz o deputado — terá que se alicerçar num sistema de justiça, de igualdade, para todos os Estados", aliás Províncias.

Pois é, amigo Viana Filho, tempo de aderir a nós, visto como sem Imperador nunca mais haverá disso no Brasil. "Sem Rei não há União Nacional".

A desunião é lei inexorável do regimen republicano, democrático e partidário.

O VALOR DO HOMEM

O mais alto valor do homem encontra-se não na sua ciência e nas suas capacidades técnicas, mas sim no amor de Deus e na entrega ao seu serviço.

Pio XII

DECADENCIA

"Procurando as causas da rápida decadência que nos últimos 25 anos se observou nos costumes políticos brasileiros e buscando nos fatos republicanos a razão de ser da súbita descida do nível moral da politica nacional, verificada após o desaparecimento daquela pléiade de homens de Estado (O articulista refere-se a Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Afonso Pena), chegamos à conclusão de que o fenômeno se explica pela própria queda da Monarquia (grifos nossos). O REGIME MONARQUICO FORA SEM DÚVIDA UMA ESCOLA DE GRANDES ESTADISTAS (maiúsculas nossos). A figura de D. Pedro II havia-se constituído em exemplo que todo pretendente a uma parcela de prestigio na politica nacional procurava imitar. A cultura era então um requisito obrigatório para quantos aspiravam a cargos públicos e desejavam ver satisfeitas as suas ambições. A moral pública partava no mais alto nível e o comportamento dos que se votavam à carreira politica era fator de primordial importância. Por outro lado, como a suprema magistratura do Estado era vitalicia, a competição seletiva no acesso aos cargos públicos apresentava um cunho de severidade hoje inexistente. A seleção era um fato, situando-se acima de toda a suspeita a inserção daqueles que a ela presidiam. E foi nesse processo de aprimoramento dos nossos costumes políticos que se formaram as três grandes figuras (refere-se a C. Sales, R. Alves e A. Pena) que nosabilizaram os primeiros lustros da República. Eram, sem dúvida, republicanos, mas haviam formado a mentalidade durante a vigência da Monarquia e no trato diuturno dos homens notáveis para cuja ascensão D. Pedro tanto contribuiu. Dai a incontestável superioridade com que se houveram no manejo da coisa pública, afirmando sempre os principios de rigidez moral sob cuja égide levaram a bom termo a alta missão que lhes coubera o País. Mas, à medida que o tempo passava, iam-se desgastando essas preciosas reservas humanas que o Império legara à República. E quanto mais nos iamos afastando dessas gerações, mais patente se tornava que a imaturidade politica do povo acabaria por transformar a competição pelos cargos públicos numa verdadeira corrida entre os piões. Os recursos de que principiaram a lançar mão os pretendentes às posições de mando foram-se abastardando cada vez mais: A SELEÇÃO PASSOU A FAZER-SE "AS AVES-SAS" (O Estado de São Paulo, 17-11-60, Notas e Informações, art. "Duas escolas").

— Excusado dizer estarmos plenamente de acordo com as linhas gerais desse artigo. Mas sabem todos que Pátria-Nova não é saudosista como os monarquistas liberais e os republicanos. Assim, pois, sem diminuímos a pessoa de Dom Pedro II, afirmamos que, se elle fôsse um presidente "temporário", seria igualzinho ao maior ou ao pior presidente de república. A virtude do regimen monarchico é que dava ou accentuava as boas qualidades do homem Pedro de Bragança. Quanto a sermos republicanos as boas figuras citadas, só há certeza disso relativamente a Campos Sales provindo da propaganda da "desgraça completa". O Conselheiro Rodrigues Alves asseverava que fora a república que aderira a elle, e não elle à dita. E Afonso Pena não nos conta fôsse republicano. Resta tocar na "imaturidade politica do povo". Tal argumento não vale nada sociologicamente. Mostra a experiência que QUALQUER POVO, em condições idénticas às em que está o nosso, e o mesmo eleitor errado. As pressões psicologicas não atingem só os incultos, mas ainda os aparentemente mais imunes a elas. A carnização do povo pode processar-se tanto aqui como na Inglaterra cromwelliana, na Grécia do século de Demóstenes ou do século 20, na Holanda dos estaduêderes como na França de Gambetta ou de De Gaulle, na Espanha de Emilio Castelar, como na de Caballero.

Essa é doutrina verdadeira, real, objectiva. Sem demagogia

15 DE NOVEMBRO DE 1960

— Dia dos Mortos Patrianovistas —

Setenta e um anos são passados, desde aquêl infausto acontecimento de 15 de novembro de 1889, em que se destronou o maior dos imperadores! E não sabemos bem compreender como puderam passar assim aos tambores...

Esta é a data aniversário da república, muito parecida, ou ainda pior do que a "A Serenissima República" de Machado de Assis, onde os sacos eleitorais sempre deixavam dúvidas, fôsem de cinco polegadas de altura e três de largura, fôsem de duas, ou fôsem triangulares, ou ainda cilíndricos; nunca podiam satisfazer os arcanjos... — Claro: Com o partido retilíneo, que achava que a aranha devia fazer as teias com fios retos; com o partido curvilíneo, que achava que a aranha devia tecer as teias com fios curvos; com o partido reto-curvilíneo, que achava certo as teias serem urdiadas com fios retos e curvos; e ainda com o partido anti-reto-curvilíneo que tudo negava, só podia ser um tal de calta um querer puxar a brasa para a sua sardinha!...

Como em todo livro de Machado de Assis, neste conto há sentido, e há também sabedoria!

Conosco sucede o mesmo. Só, que as aranhas, aconchegadas a paciência de Penélope... e o Povo, Penélope da República de Donkvo, não pode ter a mesma perseverança da esposa de Ulisses, pois esta o esperou durante vinte anos; e o Povo espera há setenta e um! Mas espera o quê? — Espera a tranquilidade, a honestidade, a justiça de Deus! Cansado embora, confia na Divina Providência que vê e sabe que o Brasil espera a Monarquia que é a mais legitima forma de governo de um País Cristo, de uma Pátria que honra o seu Passado, e as suas Tradições invioláveis!

Antonietta Borges Alves

QUANDO É LEGÍTIMA A SOCIALIZAÇÃO

Estes (princípios cristãos) com razão pretendem que certos gêneros de bens sejam reservados ao Estado, QUANDO O PODERIO QUE TRAZEM É TAL, que, sem perigo do mesmo Estado, não pode deixar-se em mãos dos particulares.

Tão justos desejos e reivindicações em nada se opõem à verdade cristã, e muitos menos são exclusivos do socialismo. Por isso quem só por eles luta não tem razão para declarar-se socialista.

PIO XI, encíclica "Quadragesimo Anno".

DEMOCRACIA VERSUS MONARQUIA

Dizem que o povo evoluído é o que resolve o seu destino por meio do voto. Deveria ser também um povo educado à altura de sua evolução. Não foi infelizmente o que vimos na última campanha eleitoral. Campanha que se sobressaiu pela quantidade e qualidade de material de propaganda. Foi, principalmente na fase final, uma campanha de difamação e de ataques à carreira pública e à vida privada de cada candidato. Se fôssemos dar crédito a tudo que saiu impresso pelo Brasil agora não haveria um só nome capaz de representar com probidade, no cenário da política nacional, o pensamento e a vontade da maioria.

É numa hora assim que se fica matutando se, afinal, a monarquia não era melhor.

Havia bons e ruins, como em todas as famílias, mas não tínhamos a responsabilidade de tê-los colocado no poder. O que fizeram de bom foi creditado a seu favor e o ruim também foi debitado no livro de contabilidade da História.

O nosso papel foi apenas de espectadores, lavando as mãos como Pilatos.

Hoje, nós fazemos os partidos, nós escolhemos os homens para representá-los, nós os elegemos e também nós sofremos as consequências de seus desmandos e desatinos. E depois nos queixamos.

Os que ficam de fora encontram solução para os problemas que os adversários políticos não conseguem resolver. Os que estão no emaranhado dos problemas se queixam das administrações anteriores que lhes deixaram uma bomba de tempo nas mãos.

Mas os problemas continuam, aumentam, se multiplicam. Os homens se desiludem, criam novos ídolos, depositam neles suas esperanças e novamente vêm tudo desmoronar. E tudo recomeça...

O melhor, mesmo, seria não votar, não escolher e, também, não ter culpa de nada... (Extraído do "Correio do Povo", Porto-Alegre, 5-10-1960, secção **Faixa Livre**, assinado por Charmaine).

ELEITORALISMO

A maior praga da ré, e sua própria essência, é o eleitoralismo. E a maior preocupação dos donos da ré são as eleições.

Daqui a pouco, até as crianças das escolas primárias serão obrigadas a votar, para substituir os homens doutos não acarneiráveis que, a não ser por força das injunções totalitárias do inefável sistema republicano e democrático, sistematicamente se abstêm do tal "dever" liberdadeiro, conquistado cômicamente gabada pelos ignorantes...

Por que essa atitude dos doutos?

Porque estão enojados, cada vez mais profunda e revoltosamente, da grossa maroteira que vai por aí, necessariamente ligada à excelência da mirífica forma de governo que trouxe a 0 (zero) o câmbio de 27 e 3/4 do fim do Império e a quase 0 a honestidade e dignidade dos homens públicos.

LIDADORES IMPERIAIS

NÃO PERGUNTES AOS BATALHADORES PATRIANOVISTAS "SE VIRÁ OU QUANDO VIRÁ O IMPÉRIO NOVO". PERGUNTA A TI MESMO O QUE ESTÁS FAZENDO PARA QUE VENHA ESSE IMPÉRIO QUE TÓDA A HUMANIDADE ESPERA E QUE DESEJAS PARA A VERDADEIRA E DEFINITIVA SALVAÇÃO DO BRASIL E PARA AJUDAR POR DEUS AS NAÇÕES DE TODO O MUNDO.

Nós patrianovistas confiamos "desesperadamente" em Deus, pois somos naturalmente os mais pobres e os mais fracos de todos os políticos brasileiros. Somos, em compensação, riquíssimos na Fé e na Esperança do Inesperado.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Benjamin Constant Botelho de Magalhães foi o cérebro da proclamação (da república). Pensou por todos os militares. Líder da mocidade na escola de guerra, fêz, criminosamente, da cátedra a tribuna subversiva de um regime contrário às instituições legais. Discípulo de Comte, arrebatou fanáticamente os seus alunos para os meandros da filosofia positivista, dando ao seu republicanismismo directriz e finalidade.

Não tardou em despertar do seu idealismo ante a dolorosa realidade dos acontecimentos. Conta-nos Taunay que, num encontro com Benjamin, alguns dias após a proclamação da república, confessava este o seu desencanto em face da conduta de outros fundadores do regime, já desfigurado pela ambição de muitos. E dizia:

"Eu esperava encontrar patriotismo nos homens, e só tenho visto 'Pratorismo'. Conhece esta palavra?"

Diante de um gesto negativo de Taunay, continuou:

— "Pratorismo" é o amor incondicional do prato, da barriga, do interesse; o sentimento que inutiliza, espezinha e conculca o patriotismo".

Não necessita de comentário esse episódio. O mal de hoje tem velhas raízes...

Afonso Rui de Sousa, "Páginas de História do Brasil", Livr. Progresso, Salvador.

Brevemente
c livro da luta patrianovista

IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO
de Arlindo VEIGA DOS SANTOS

o livro necessário àqueles que sentem com PÁTRIA-NOVA,
com "MONARQUIA".

A WUNDERLICH

Aos 8 de outubro de 1935, Francisco Wunderlich, um dos chefes patrianovistas em Santa-Catarina, foi assassinado por um "urssista" em ódio à Religião e à Pátria.

Vara do sangue germano
Em Santa-Cruz transplantada,
fez-se mártir, o primeiro,
das hostes da Cruz-Setada!
E o seu nome sonoro
tomou-se grito de guerra
pela defesa do Sangue,
pelo resgate da Terra!

Wunderlich! Wunderlich!
Do Uruguai ao Oiapoque
são o teu nome glorioso
que a todo o IMPÉRIO convoque;
responda o Sertão bravo,
e os ecos do Mar do Império
gritem alto as esperanças
dêste sulino hemisfério.

Facho que imição traíçoeiro
tentou, ciumentó, apagar
lá na provincia sulina
que o Império faz despertar,
— fêz-se o teu nome uma estíria,
um sol de esplêndida vista,
farol fúlgido e brilhante
da estrada PATRIANOVISTA!

Quando o DIA DO RESGATE
puser de pé a Nação,
e o Gigante Adormecido
se erguer feroz como um feio;
— "Wunderlich! Wunderlich!"
referverá nosso ardor,
tal outro GLÓRIA! divino,
outro "Viva o Imperador!"

Arlindo VEIGA DOS SANTOS